

CURSO SUPERIOR DE TURISMO: A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Dra. Marília Gomes dos Reis Ansarah¹

RESUMO: Este artigo apresenta aspectos cognoscitivos que ocorrem no ato de ensinar e no ato de aprender, tendo em vista a transmissão-comunicação e a assimilação do conhecimento e aspectos sociemocionais que se referem aos vínculos afetivos entre professor-aluno e às normas e exigências que regem a conduta do aluno em sala de aula – a disciplina dessa relação. Capacitação de recursos humanos em turismo e a integração/relação professor-aluno e a “dosagem” dos aspectos teóricos e práticos na transmissão do conhecimento são analisados. Descreve a relação professor-aluno em disciplinas específicas de cursos de turismo: Plano de Desenvolvimento Turístico; Estudo do Espaço Urbano e Ecoturismo; Informática e Trabalho de Conclusão de Curso.

PALAVRAS-CHAVE: Curso de Turismo: relação professor-aluno, disciplinas específicas, ensino,

Introdução

Educação superior compreende os estudos, treinamentos e pesquisas desenvolvidos nas universidades e outros estabelecimentos de ensino superior reconhecidos. Espera-se que o ensino seja capaz de gerar conhecimento para atender adequadamente as necessidades sociais e de formular respostas novas e criativas para as situações existentes.

A educação existe exatamente porque o homem é um ser gregário e que só se realiza como tal a partir do momento em que entra em relação com seu semelhante. Garcia (apud Haidt: 1994, p.56) menciona que *enquanto processo de formação humana, a educação é a única maneira pela qual é assegurada a continuidade da espécie, que assim consegue dominar a natureza e imprimir nela sua presença e sua maneira de ver o mundo*

A Educação na universidade, até um passado recente, era encarada como a instituição chave para a transformação coletiva e individual e o professor, além de ser o detentor do saber, precisava saber ensinar, ensinar com vontade e moralizar com o exemplo e a palavra.

A Educação na universidade de hoje deve preparar as novas gerações para a integração consciente e crítica em uma sociedade dinâmica e globalizada e os professores deixam de ser detentores e transmissores do “saber”, passando a ter como função principal a preparação dos

¹ Mestre e Doutora pela ECA-USP. Assessora Pedagógica – área Turismo da UNIP. Docente do Curso de Especialização em “Planejamento e Marketing de Destinos e Produtos Turísticos”, do Senac SP. Professora Convidada do Mestrado em Cultura & Turismo da UESC em convênio com a UFBA, Ilhéus BA. mansarah@unip.br

alunos para a apropriação crítica desse “saber”.

A interação professor-aluno é um aspecto essencial da organização da “situação didática” do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades, tanto em aulas teóricas e práticas, tendo em vista alcançar os objetivos e competências que foram previstos no planejamento de aula do docente.

Dois aspectos da interação professor-aluno Libâneo (1992) destaca no trabalho docente: o primeiro é o aspecto cognoscitivo (formas de comunicação dos conteúdos e às atividades solicitadas aos alunos); o segundo aspecto é o socioemocional (diz respeito às relações pessoais entre professor e aluno e às normas disciplinares), sendo que esta última o autor destaca como indispensável ao trabalho do docente.

Hoje o docente passa a ser encarado como agente de mudança: aquele que ajuda seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber. Já o aluno hoje está cheio de curiosidades, tem necessidades que devem ser levadas em consideração; mas a maior responsabilidade sobre sua formação recai sobre si mesmo, ao demonstrar interesse e identificar oportunidades de desenvolvimento pessoal, por meio de leituras, práticas operacionais, estágios, eventos, congressos, conferências, entre outros.

No intuito de discutir estas questões este texto foi construído a partir da análise e reflexões das obras de Libâneo (1992), Haidt (1994) e Ansarah (2002), que apresentam com muita propriedade a interação professor-aluno e da experiência do autor no decorrer de vinte e seis anos de atuação como docente em curso superior em turismo.

Aspectos cognoscitivos e socioemocionais da interação professor-aluno

A profissão de docente, de um modo geral, sempre foi um campo repleto de misticismos e contradições. Gaeta (2005, p. 221) menciona que o *gosto por educar os jovens, a vocação, a vontade de contribuir para o desenvolvimento da sociedade, entre outros, compelem o professor muito mais para o sacerdócio do que para a profissionalização* (apud TRIGO, 2005).

Iniciamos o Século XXI com a perspectiva de que, por toda a parte e por todas as pessoas, a busca do conhecimento é considerada condição indispensável para alcançar qualquer fim, e as universidades têm um papel fundamental na formação desses novos cidadãos.

As Universidades na sociedade atual têm como compromissos:

- formar Recursos Humanos para o mercado de trabalho;

- estimular e despertar a preocupação com a pesquisa;
- dar maior embasamento cultural e humanístico;
- preparar os profissionais para novas tecnologias, novos equipamentos, novos materiais e gestão sustentável.

Cada classe de uma universidade constitui em um grupo social. Dentro desse grupo, que ocupa o espaço de uma sala de aula, a interação social se dá por meio da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno. É no convívio diário com os professores e com os colegas, que o aluno desenvolve hábitos, desenvolve atitudes e assimila valores.

Haidt (1994, p. 56) menciona que:

a universidade é um local de encontros existenciais, da vivência das relações humanas e da veiculação e intercâmbio de valores e princípios de vida. Se, por um lado, a matéria e o conteúdo do ensino, tão racional e cognitivamente assimilados, podem ser esquecidos, por outro lado, o “clima” das aulas, os fatos alegres ou tristes que nelas se sucederam, o assunto das conversas informais, as idéias expressas pelo professor, enfim, os momentos vividos juntos e os valores que foram veiculados nesse convívio de forma implícita ou explícita, inconsciente ou conscientemente, tudo isto tende a ser lembrado pelo aluno durante o percorrer de sua vida e tende a marcar profundamente sua personalidade e nortear seu desenvolvimento posterior.

Isso ocorre porque é durante esse convívio, instantes compartilhados e vividos em conjunto da interação professor-aluno, aluno-aluno que o domínio afetivo se une à esfera cognitiva.

Aspectos cognoscitivos da interação professor-aluno

Libâneo (1992) entende por cognoscitivos o processo ou o movimento que ocorre no ato de ensinar e no ato de aprender, tendo em vista a transmissão-comunicação e a assimilação do conhecimento.

Nesse sentido, ao ministrar aulas, o professor sempre tem em vista tarefas cognoscitivas colocadas aos alunos: objetivos da aula, conteúdos, problemas, exercícios. Os alunos, por sua vez, dispõem de um grau determinado de potencialidades cognoscitivas conforme o nível de desenvolvimento mental, idade, experiências de vida, conhecimentos já assimilados, etc (LIBÂNEO, 1992, p. 250)

A interação professor-aluno se caracteriza num vaivém de transmissão de tarefas cognitivas colocadas pelo professor e o nível de preparo dos alunos para assimilar e resolver as tarefas solicitadas. Para tanto o professor deve se preocupar em ser o mais claro possível na transmissão dos objetivos, dos temas de estudo, da importância e necessidade do conteúdo e sua utilização no mercado de trabalho, isto é, mostrar o porquê o aluno precisa saber “tal” teoria ou “ter” tal treinamento.

O professor não apenas transmite uma informação, mas faz perguntas para verificar a aprendizagem, mas também ouve os alunos. Deve dar atenção aos alunos e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões, a fazer análises críticas e elaborar diagnósticos de situações.

Aspectos socioemocionais da interação

Os aspectos sociemocionais se referem aos vínculos afetivos entre professor-aluno e às normas e exigências que regem a conduta do aluno em sala de aula – a disciplina. O professor deve ter em mente que, mesmo estando atendendo apenas um aluno num determinado momento, sua atenção deve estar voltada para a atividade de todos os alunos. Este é o momento em que o docente, antes de iniciar a atividade, deve estabelecer as normas, deixando bem claro o que espera dos alunos. O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos e organiza a classe. *A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la* (LIBÂNEO, 1992, p. 251).

Do ponto de vista das relações entre autoridade e autonomia, a interação professor-aluno não está livre de surgirem conflitos ou mesmo deformações.

Autoridade e autonomia são dois pólos do processo pedagógico. A autoridade do professor e a autonomia dos alunos são realidades aparentemente contraditórias mas, de fato, complementares. O professor representa a sociedade, exercendo um papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade. O aluno traz consigo a sua individualidade e liberdade. Entretanto, a liberdade individual está condicionada pelas exigências grupais e pelas exigências da situação pedagógica, implicando a responsabilidade. Nesse sentido, a liberdade é o fundamento da autoridade e a responsabilidade é a síntese da autoridade e da liberdade. (LIBÂNEO, 1992, p. 251).

A disciplina na classe

Uma das dificuldades que o professor vem encontrando e que de alguns anos para cá, vem se transformando num sério problema é manter o controle da disciplina em sala de aula. Mas a disciplina da classe está diretamente ligada ao estilo da experiência do professor, a autoridade profissional, moral e técnica do professor (Libâneo, 1992).

A autoridade profissional se manifesta no domínio da matéria que ensina e dos métodos e procedimentos de ensino, no tato em lidar com a classe e com as diferenças individuais, na capacidade de controlar e avaliar o trabalho dos alunos e o trabalho docente. A autoridade moral é o conjunto das qualidades de personalidade do professor: sua dedicação profissional, sensibilidade, senso de justiça, traços de caráter. A autoridade técnica constitui o conjunto de capacidades, habilidades e hábitos pedagógico-didáticos necessários para dirigir com eficácia a transmissão e assimilação de conhecimentos aos alunos. (LIBÂNEO, 1992, p. 252).

Um professor competente se preocupa em dirigir e orientar a atividade mental dos alunos, dá elementos para que os mesmos possam desenvolver seu senso crítico, de modo que cada um deles seja um sujeito consciente, ativo e autônomo.

A motivação dos alunos no processo de aprendizagem ocorre mediante a transmissão de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, pela transmissão clara e objetiva pelo professor, acrescido da escolha do método adequado utilizado - é um fator importante de concentração por parte da classe.

Por tanto, a disciplina em sala de aula depende do conjunto dessas características que permite ao professor organizar o processo de ensino.

A Educação em Turismo

A formação profissional em Turismo no Brasil foi instituída pelo MEC – Ministério da Educação com a publicação do parecer CFE nº 35/71, que criou o curso superior de turismo, e da Resolução s/n, de 28 de janeiro de 1971, que fixou o currículo mínimo e a duração do curso de turismo (1.700 horas). Em 2004 o CNE – Conselho Nacional da Educação elaborou o parecer nº 339 que fixou a duração mínima de vários cursos superiores, inclusive o de turismo (2.400 horas), sendo que esse parecer ainda não foi homologado pelo Ministro da Educação.

Segundo Matias (2005) dos 6.446 cursos oferecidos pela educação profissional no país,

apenas 4,3% pertence à área de turismo e afins.² O número de matrículas da educação profissional em 2002 foi de 589.383 pessoas. Os que optaram pela área de turismo representam apenas 3,1% desse total, número pouco expressivo em relação à quantidade de empregos gerada pela atividade turística (MATIAS, 2005, p. 182-183).

Atualmente, poucos são os cursos de turismo que se preocupam em direcionar seus ensinamentos para a administração de serviços, para o planejamento estratégico de empresas, a fim de valorizar os profissionais, motivando-os para o trabalho. No momento atual, onde o serviço é o fator diferenciador influenciando decisivamente nas negociações de uma empresa, torna-se necessário que os cursos de turismo preparem os alunos para uma atuação adequada, possibilitando ser um sujeito ativo e participante das decisões empresariais, preparando-os ainda para responderem desafios que sejam na esfera pessoal (ego) ou profissional (ligada à tarefa).

Seria mais adequado que os docentes de cursos de turismo tivessem em mente que:

- nenhuma atividade ou dinâmica de treinamento pode ter a pretensão de mudar condutas em curto prazo, sendo mais adequado apresentar programas de sensibilização à mudança;
- um segundo aspecto dessa questão está ligada a insegurança natural dos bacharelados, que na hora de tomar decisões sentem fobia - medo - de errar.

No estudo do turismo é indispensável direcionar os ensinamentos para o caráter multi e interdisciplinar e os responsáveis pela transmissão do conhecimento devem se preocupar em:

- estabelecer as bases dos conteúdos programáticos no conhecimento e no espírito crítico (na análise e no diagnóstico das situações) e na produção do saber turístico;
- os programas devem ser flexíveis, abertos à mudanças e adaptações tanto para a reflexão e absorção de conceitos novos do estudo do turismo, como para a aquisição de habilidades práticas;
- provocar a integração das disciplinas para possibilitar a interdisciplinaridade.

A formação e capacitação de recursos humanos em turismo dependem da integração/relação professor-aluno e da “dosagem” dos aspectos teóricos e práticos na

² Censo Escolar 2003, realizado pelo MEC, INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais e a DEEB – Diretoria de Estatísticas da Educação Básica, que teve por objetivo apresentar dados estatísticos da realidade da educação profissional no país (MATIAS, In. TRIGO, 2005, p. 182).

transmissão do conhecimento.

Segundo Carvalho (2005)...*O que se espera para o futuro é que os educadores semeiem valores e conceitos nos indivíduos, para que cresçam em ambiente fértil e criativo, porém com referenciais bem posicionados.* (In: TRIGO, 2005, p. 243). E o que se espera dos alunos é que saibam aproveitar todas as ocasiões que se lhes apresentarem para aprender.

E como deve ser a relação professor-aluno em cursos superiores de Turismo?

Relação professor-aluno nas disciplinas de Ecoturismo e Turismo no Espaço Urbano

Esse grupo de disciplinas permite uma relação aluno/professor/sala de aula muito próxima, uma vez que apresentam como objeto de discussão, o espaço em suas diversas manifestações e sua relação com a atividade turística.

Dessa forma, ao prepararmos os conteúdos programáticos para cada aula, temos que nos preocupar com algumas questões que possam fazer com que os alunos apreendam e associem a importância de conceitos e apropriações humanas na dinâmica da atividade turística.

Todas as aulas teóricas devem ser preparadas com diferentes formas de aprendizado e interação com os alunos. Obviamente que as aulas expositivas são necessárias, mas os conceitos e informações devem ser permeados por indagações que permitam a percepção e a observação dos fenômenos espaciais existentes no cotidiano e na experiência do aluno. Perguntas e discussões sobre algumas situações vivenciadas nas cidades, no campo ou nas áreas naturais fazem com que os alunos se concentrem e dirijam sua atenção ao centro da discussão.

Nesse grupo de disciplinas a utilização de imagens ilustrativas estabelece a conexão exata dos alunos com o objeto de estudo. Isso possibilita aos alunos a compreensão exata dos fenômenos e desperta a curiosidade em conhecer mais os espaços apresentados. Resultados detectados informalmente em minha experiência mostram, que a utilização de imagens de espaços estudados podem contribuir com o interesse dos alunos em viajar e perceber os fenômenos espaciais criticamente. O retorno por parte dos alunos sempre é manifestado. Da mesma forma, a aplicação dos conceitos apresentados deve ser instigado pelos alunos.

A utilização de atividades de pesquisa de casos em veículos da mídia vem despertando interesse dos alunos na leitura de periódicos e ao mesmo tempo no acompanhamento dos projetos e problemas que envolvem os diferentes territórios brasileiros. Esse exercício complementar apresentado oralmente e individualmente pelos alunos em cada aula exalta a responsabilidade e a

escolha de temas relevantes e, com a apreciação positiva da sala e do professor, resulta num mecanismo de integrar o aluno na aula e valorizar o potencial individual do mesmo.

As Visitas Técnicas também são fundamentais para uma melhor relação dos alunos no aprendizado. Consideradas como experiência máxima de observação dos fenômenos espaciais a visita técnica pode levar a completa sedimentação dos conceitos apresentados, uma vez que transforma uma discussão teórica em experiência vivida pelos alunos. Visitas Técnicas bem conduzidas e escolhidas de forma a fazer com que os alunos fiquem unidos e interessados em observar os fenômenos em conjunto estimulam o interesse e despertam o sentido de grupo. A escolha dos locais das visitas técnicas merece discussão profunda entre o professor, coordenador e assessoria pedagógica. Minha experiência na UNIP em visitas técnicas bem escolhidas – Buenos Aires, Curitiba – até hoje são lembradas por alunos que se formaram anos depois.

Relação professor-aluno na disciplina de Plano de Desenvolvimento Turístico

Nas aulas a disciplina comporta aulas expositivas, leitura e discussões de textos para embasamento teórico e revisão de literatura.

Os alunos precisam ser orientados e esclarecidos sobre todos os conteúdos necessários para o desenvolvimento do trabalho, além das orientações quanto à devida utilização dos instrumentos de pesquisa. As orientações também são necessárias quanto à realização de pesquisa de gabinete e trabalho/pesquisa de campo.

Para a elaboração do Plano, e para cumprir todas as etapas, a classe deve ser dividida em grupos. Em aulas específicas, os grupos devem ser convocados para atendimento e orientação particulares, por ter sido designado a cada grupo um tópico específico a ser desenvolvido. Estes encontros oportunizam aos alunos uma orientação mais detalhada e completa; nesse momento, o professor tem como avaliar a produção acadêmica de cada grupo e dispender maior tempo para elucidações de dúvidas.

Esses encontros oportunizam, ainda, que o professor conheça melhor cada aluno, no sentido acadêmico e particular; e dessa forma, o professor tem como aplicar didáticas e estratégias diferenciadas, para atender à necessidade de cada aluno em particular.

Os conteúdos em sala de aula podem ser considerados como o alicerce do trabalho. O aluno passa a “ver” o turismo como um mosaico, um conjunto, e não sob uma forma fragmentada. O presente trabalho colabora ainda para que o aluno entenda melhor o Sistema de

Turismo – SISTUR, sua complexidade, abrangência e interdependência. A interdisciplinaridade é um dos fatores mais nítidos no desenvolvimento deste trabalho, exigindo do aluno pesquisas nas mais diversificadas áreas, tais como: Geografia, História, Biologia, Arquitetura, Direito/Legislações, Gastronomia, Hotelaria, Psicologia, Sociologia, Estatística, Marketing, Economia, Planejamento, Saúde, Educação, Agência, Transportes, Administração, Eventos, Logística, Metodologia, Arqueologia, Oceanografia, além de outras áreas, dependendo dos aspectos físico-territoriais da localidade adotada como objeto de estudo.

As atividades de campo devem ser realizadas nas visitas técnicas que proporcionam ao aluno a visão mais concreta de todo o conteúdo pertinente à disciplina, bem como a visão de conjunto, a visão holística. O aluno tem a oportunidade de visualizar toda a teoria de uma forma mais próxima, à medida que se encontra no campo/área/território da pesquisa. Oportuniza ainda um relacionamento mais amistoso e informal entre os alunos para com os colegas, com o professor e com a comunidade.

Após a realização das visitas técnicas, o conteúdo se torna bem mais compreensível para o aluno.

Na maioria das vezes, abordar o tema planejamento entre quatro paredes se torna muito abstrato. As visitas técnicas, trabalho e pesquisa de campo enriquecem o aprendizado, fortalecem os laços entre alunos e professores e tornam a disciplina bem mais agradável. As visitas oportunizam ainda aos alunos a reflexão, comparação, interpretação dos problemas que uma sociedade enfrenta em todos os seus campos.

Nas visitas técnicas, os alunos passam a perceber, ver, olhar o turismo com outra percepção. As visitas técnicas unem mais os alunos e o professor.

Relação professor-aluno em disciplinas específicas no curso de turismo: A informática aplicada e a interatividade com os alunos

Quando se leciona um conteúdo que é técnico e de caráter aplicado, como a informática, em instituições de ensino superior, o papel que o professor irá assumir em sala de aula, precisa ser norteado de muito bom senso e extremo caráter motivador.

Apesar do conteúdo programático da disciplina de informática, de caráter mais técnico do que o acadêmico de pesquisa, contar com o apoio pedagógico dos laboratórios, o que deveria aguçar a demanda do aluno, muitas vezes, essa relação se dá de forma inversa, onde o aluno não

se demonstra interessado pela frequência em sala de aula.

Uma das razões dessa falta de interesse, acredito e por experiência, está no fato de que, o que se aprende ou o que se propõe a ensinar, não é parte da realidade e cotidiano da maioria do corpo discente e, por mais que esse caráter tenha também equivalência nas outras disciplinas, sinto que, nesse caso - da informática-, a demanda fica mais interessada quando são abordados assuntos corriqueiros do dia-a-dia, como por exemplo as aplicações dos editores de texto, de planilhas eletrônicas e até mesmo de dicas sobre a maximização do uso das ferramentas de internet e e-mail.

Quando, o que se pretende, é trazer para a sala de aula ou para o laboratório, uma realidade mais relacional sobre o uso das tecnologias da informática e da informação nas relações do mercado turístico. O que não é um assunto tão prático em função de suas especificidades, muitas vezes fica restrito à explanação e à discussão no campo das teorias.

Dessa forma, ocorre sempre o questionamento por parte do aluno: por quê não aprendemos a trabalhar com o *Power Point* ou com o *Excel*? Essa demanda é, em partes, conflitante com o conteúdo. Por mais que se contemple o uso dessas ferramentas, ela é feita de forma superficial, uma vez que não é o foco ensinar a operar as ferramentas, mas sim como elas podem ser usadas estrategicamente, inserida nos trabalhos e projetos do calendário acadêmico proposto.

Por outro lado, o programa da disciplina, deve ser aplicado e discutido em sala e o professor precisa assumir um papel de motivador e criador de uma ponte entre a aula acadêmica e a necessidade prática de mercado, atingir esse ponto de equilíbrio é uma das chaves para o sucesso na audiência e no *feedback* às aulas. E uma das melhores ferramentas para isso, em nosso mercado, é a internet.

Existe pois, um parêntese a ser aberto, e este se faz referência aos cursos de hotelaria em especial. Apesar dessa atividade econômica também estar inserido em um contexto mais amplo das aplicações das tecnologias da informática e da informação, o assunto se torna mais atrativo quando se tem a possibilidade de eleger um *Software* - sistema -, específico e que vai dar suporte às praticas que envolvem todo o empreendimento.

Mesmo sabendo que esse sistema depende de interação com outros, a compreensão do aluno fica mais clara e real sobre a necessidade do uso da ferramenta.

Aulas de conteúdos técnicos, precisam ser muito mais bem elaborados, de outra forma, a

desmotivação irá permear as aulas e, conseqüentemente, estimular a evasão.

Usar a criatividade, identificar o perfil da sala e ver qual o nível de conhecimento deles, dá ao professor informações para traçar a estratégia das aulas. Aulas pré-elaboradas e que já foram ministradas no passado, possuem uma grande chance de não ter sucesso. Uma vez que, não só a tecnologia evolui, mas as profissões e as relações de mercado também, alterando a demanda do aluno por esse tipo de conhecimento e exigindo constante atualização, por parte do professor e do conteúdo.

Relação professor-aluno em Projeto Experimental em Turismo: a importância do caráter motivador nas relações orientativas dos Trabalhos de Conclusão de Curso

Os Trabalhos de Conclusão de Curso, TCCs, como o próprio nome nos remete e em função das necessidades técnicas, de competência e da própria maturação dos alunos, são sempre projetados para serem realizados no último ano da grade curricular dos cursos de graduação e pós-graduação. Só por esse fato, ele já enfrenta, na ansiedade que rega o corpo discente em concluir o curso com rapidez, uma barreira natural.

Barreira essa que somada ao fato de, muitas vezes, o aluno necessitar de um certo pragmatismo – característica nem sempre presente nele -, para o momento da escolha³ da empresa, constituírem num dos momentos mais críticos do trabalho: qual e como escolher a empresa desejada.

A partir daí, as pressões tendem a aumentar, uma vez que o cronograma é geralmente curto e o caráter referente à ansiedade do aluno, acima descrito, sofre um aumento gradativo conforme o fim do ano letivo vai se aproximando.

Nesse contexto, as relações entre o orientador e orientado precisam, ao mesmo tempo, serem norteadas de um caráter, primeiro, “orientativo”, no qual o professor vai provocar um raciocínio lógico, focando a aderência à área de turismo, e, em segundo plano, “punitivo”, no qual através das ferramentas avaliativas disponíveis, ele vai regrar a velocidade, intensidade e frequência da evolução das idéias e dos relatórios em si.

Obviamente, o bom senso do tutor deve focar na compreensão das diferentes personalidades dos diferentes grupos. Essa atenção permite estabelecer estratégias diferentes para cada grupo. A hegemonia da sala já não é tão importante quanto nos trabalhos interdisciplinares

³ O TCC, na metodologia da UNIP, é baseado no diagnóstico e prognóstico de uma empresa já existente.

onde o grupo todo coopera; agora as forças individuais dos grupos se conflitam entre si. A competição que se instala, se for bem explorada e bem dosada, será até um elemento facilitador e catalisador dos processos.

No geral, o aluno ou o grupo que está em dificuldades, tende a transferir a culpa do seu fracasso ou da velocidade que estão emplacando, à empresa objeto do estudo, eximindo de si a razão do insucesso.

Nesses casos, é de extrema importância tentar conhecer por completo o perfil e o comportamento dos alunos, tentar identificar como eles se comportam em outras disciplinas. É fundamental para dosar o grau de exigência.

Por outro lado, exigir do aluno uma situação que não depende somente dele, é também uma árdua tarefa para o professor e mais uma vez deve-se atentar para o bom senso e evocar o raciocínio lógico deles na busca da solução.

Por fim, uma técnica que se apresenta de forma positiva nas orientações de TCC é a adoção de cronogramas de trabalho, físico e financeiro, objetivando e contemplando todas as etapas propostas no TCC, permitindo uma visão geral dos prazos, conseqüentemente dos momentos de maior dificuldade e das alternativas possíveis em caso de mudanças de planos de última hora. O que pode se tornar uma válvula de escape para as tensões que se formam e para a transposição das barreiras.

Conclusão

É convivendo com pessoas (colegas, professores) que o aluno assimila conhecimentos e desenvolvem hábitos e atitudes de convívio social, como a cooperação e o respeito humano.

A construção do conhecimento é um processo interativo, portanto social, nos quais agentes participantes - professor-aluno, aluno-aluno - estabelecem relações entre si. Nessa interação transmitem e assimilam conhecimento, trocam idéias, expressam opiniões, fazem reflexões e diagnósticos, compartilham experiências, manifestam suas formas de ver e conceber o mundo e veiculam valores que norteiam suas vidas.

Nessa interação professor-aluno, o educador deve procurar estimular e ativar o interesse do aluno e orientar o seu esforço individual para aprender.

Portanto, o ponto principal do processo interativo é a relação educando-educador. Mas essa relação não deve ser unilateral, pois não é somente o aluno que constrói o seu conhecimento.

É fato que o aluno, através desse processo interativo, assimila e constrói o seu conhecimento, mas também é fato que o professor é atingido por essa relação. De certa forma, o docente aprende com o aluno, na medida que consegue compreender como o aluno percebe e sente o mundo, e na medida que começa a sondar quais os conhecimentos, valores e habilidades que o aluno traz de seu grupo social. Assim o professor pode adquirir novas maneiras de conceber o mundo e rever comportamentos, ratificar e retificar opiniões, desfazer preconceitos, mudar atitudes...

Nessa interação instaura-se um processo de intercâmbio, de um lado o professor com seu conhecimento cientificamente estruturado, organizado e o do outro lado o aluno com seu saber ainda não sistematizado, seu conhecimento empírico e com certo nível de aspiração com relação à universidade e à vida.

Para haver o processo de intercâmbio que propicie a construção coletiva do conhecimento, é preciso que a relação professor-aluno tenha como base o diálogo e, juntos possam construir o conhecimento, chegando a uma síntese do saber de cada um.

A aprendizagem é o momento mais importante do processo educativo, quando se dá o encontro entre a proposta pedagógica e o aluno.

Para concluir o que se espera para a educação no início do século XXI:

a busca do conhecimento será considerada condição indispensável para se alcançar qualquer fim;

- vivemos em uma sociedade dominada pela informação, que se desenvolve de forma espetacular tanto no que se refere às fontes do conhecimento como à sua divulgação;
- os indivíduos serão estimulados a aproveitar todas as ocasiões que se lhes apresentarem para aprender.

Referências Bibliográficas

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria. Reflexões e cadastro das instituições educacionais do Brasil. São Paulo: Aleph, 2002. (Série Turismo).

Haidt, Regina Célia Cazaux. Curso de didática geral. São Paulo: Ática, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: CórteX, 1992.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (Escritor). Análises regionais e globais do turismo brasileiro. São Paulo: Roca, 2005.